

VINA: FRONTEIRA ENTRE O ONTEM E O AMANHÃ DA LITERATURA E DA VIDEOARTE

Helem Alves Viana
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Resumo

Este texto faz uma reflexão sobre a videoarte como manifestação literária. Traz uma leitura de uma das possíveis narrativas contidas na videoarte *Vina*, e a trata como uma forma de contar histórias e de escrever poesia. Considera-a como uma amostra do que pode ser o futuro da videoarte e, por sua vez, da literatura; uma manifestação literária não só capaz de conter os pilares que Ítalo Calvino propõe como sendo essenciais para a arte da escrita neste milênio, mas também, como uma manifestação artística plena, a arte do futuro que já chegou.

Palavras-chave

videoarte; literatura; livro; Italo Calvino.

Abstract

This paper focuses on video art as literary manifestation. Brings a reading of one of the possible narratives contained in the video art *Vina*, and treats it as a way of telling stories and writing poetry. Considers it as a sample of what could be the future of video art and, in turn, of literature; a literary manifestation not only able to contain the pillars that Italo Calvino proposes as essential to the art of writing in this millennium, but also as a full artistic expression, art of a future that has arrived.

Key words

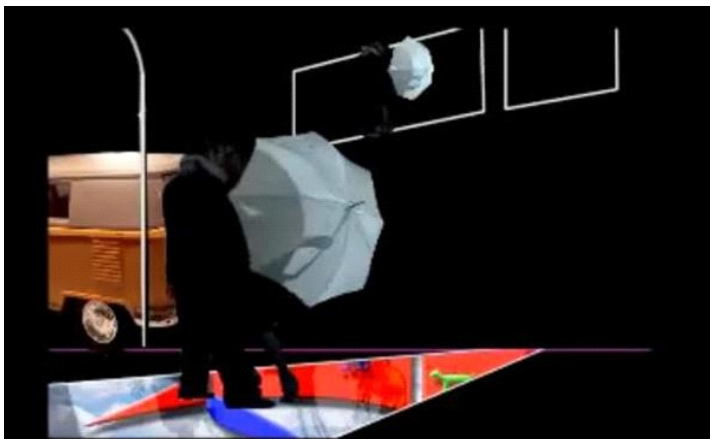
video art; literature; book; Italo Calvino.

PONTO DE PARTIDA

Em meio a uma mudança de paradigma nos modos de pensar o mundo, surgem manifestações artístico-culturais e literárias que saltam aos olhos e que fazem a alma humana pausar por um momento, curto que seja, e vislumbrar o mundo particular de alguém que tenha conseguido, poeticamente, habitá-lo.

Neste texto iremos conhecer *Vina*, uma manifestação artístico-literária típica de seu tempo, não só pelo suporte tecnológico que o abriga, mas, sobretudo, pela multiplicidade de sentidos que evoca e provoca. Temos aqui, o que pode ser o futuro da videoarte e também, o da literatura. A primeira, a videoarte, como parte da segunda, a literatura – união, nesse vídeo, tão natural como por muito tempo foi a união entre tinta, papel e histórias de amor proibido.

Figura 01 –Screenshot de Vina.



A VIDEOARTE

O lançamento da Sony Portapak, primeiro equipamento portátil com videoteipe, no início dos anos 1960, possibilitou artistas como o americano Andy Warhol e o coreano Nam June Paik, a fazerem seus primeiros experimentos com vídeo. No entanto, considera-se Paik o pai da Videoarte,

pois “enquanto Warhol filmava happenings de arte performática, Nam June

Paik, membro do movimento artístico *Fluxos*, usava a câmara de vídeo, essencialmente, como um pincel e a tela da TV como uma lona”.

Não tomemos videoclipe por videoarte, ainda que ambos sejam expressões audiovisuais. Compartilham na sua estrutura imagens e sons, como todo audiovisual. O que os diferencia é o fato do videoclipe ser uma peça publicitária que visa promover um produto, seja uma banda ou uma música, já as expressões da videoarte são orientadas por outro *Pathos*, por razões que obedecem apenas o desejo do artista, do investigador comprometido exclusivamente em traduzir, com imagens e sons, suas glórias e suas angústias vindas dos caminhos que percorre.

As novas tecnologias, que se desenvolvem e se apresentam em novos formatos a cada dia, poderiam ser chamadas de tecnologia experimental, assim como as novas manifestações artísticas que vem evoluindo, a partir do cinema, com seus híbridos possibilitados, somente, a partir do computador, da internet e de programas de modelagem, processamento e edição de imagens.

Aqui no Brasil, como lá fora, onde nasceu a videoarte, ela continua experimental, e continua sendo desenvolvida, também por pessoas que buscam compreender os processos de criação artística que as novas tecnologias proporcionam, como o fizeram Paik e Warhol quase 50 anos atrás. Aliás, uma geração inteira de escritores, artistas e poetas está aprendendo a se comunicar por meio de tecnologias completamente diferentes de tudo o que a história já pôde nos apresentar.

Há que se considerar, quando falando do que pode ser poesia, literatura ou arte, que não há parâmetro, base filosófica ou conceitual, que dê conta de todas as questões que se apresentam nesse tempo de territórios cibernéticos. O que tem se tornado uma brutal “ruptura da continuidade e (...) necessidade de aprendizagens radicalmente novas” (CHARTIER, 1999, p. 93), neste entremeio em que vivemos entre o passado e o futuro do dizer.

Buscamos no passado, porém, bases para identificar em *Vina*, a literatura. Ítalo Calvino, que já nos anos 60 estava envolvido com estudos sobre cibernética, apesar de acreditar, como muitos de seus contemporâneos, que a literatura em nossos dias não anda bem e que sofre com a diluição e com a banalidade da linguagem, não só escrita, mas também das imagens, ao invés de se demorar em lamúrias irrelevantes sobre o fim do livro ou sobre o empobrecimento da linguagem, nos deixa, ao falecer, em 1985, ‘pistas’ sobre o que seja, realmente, essencial na literatura, em suas divagações, memórias, trechos autobiográficos, que depois vieram a ser publicados com o nome de *Seis propostas para o próximo milênio*, lançado no Brasil em 1990.

A LITERATURA EM CRISE DE IDENTIDADE (?)

Ao ser convidado, em 1984, pela Universidade de Harvard, a proferir seis palestras, chamadas *Charles Eliot Norton Poetry Lectures*, que abrangem toda forma de comunicação poética, Calvino escolheu refletir sobre as “possibilidades de salvação” para a doença da linguagem: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e consistência; valores extraídos da própria literatura, que funcionariam como um antídoto para o veneno produzido pelos novos modos de ler e dizer o mundo.

É fato que o que realmente está em crise não é a literatura, e sim sua plataforma, o livro, que está ainda em processo de mutação, passados mais de dez anos da chegada do novo milênio. Enquanto o livro passa por metamorfoses múltiplas, o homem segue contando suas histórias por textos escritos ou não, em *blogs*, *games*, *fóruns*, *wikies*, videopoemas, micro contos, dentre outras manifestações que, sendo consideradas literatura, poderiam ser classificadas e qualificadas como boa ou má literatura, assim como os textos escritos com símbolos alfabéticos e em papel.

Para a reflexão que propomos fazer a seguir, a de tomar uma videoarte como manifestação literária, escolheu-se *Vina*, não apenas por considerá-la bela, mas também por ser uma manifestação artística de autoria de um artista/pensador, exemplo perfeito de “residente digital” que, por suas inquietações sobre sua própria transição entre o pincel-tela para os pixels, em sua criação artística, desenvolveu uma tese de doutorado, defendida no final de 2007, sobre a ‘questão da técnica’.

VINA – UMA HISTÓRIA DE AMOR

As Videoarte não necessariamente pretendem contar histórias, no entanto, *Vina* não só conta uma história de amor, como também o faz de forma poética. Aqui fazemos a leitura de uma das possíveis narrativas contidas nesse vídeo.

Para melhor visualização e análise da obra, dividimos o videopoema, que tem 1m59s de duração, em 230 partes de imagens estáticas. Assim, detalhes que compõem a narrativa, antes despercebidos, saltam aos olhos: as cores e flores; a dança; o casal; o guarda-chuva; as projeções imagéticas que aparecem nos corpos, no chão e na parede; os espaços; a cúpula.

As 40 primeiras partes compõem a introdução do vídeo; a música é um dedilhar suave ao piano enquanto a palavra *Vina* é formada letra a letra. O “n”, que é de um laranja vivo, se destaca ainda mais ao fundo preto; e o pingo do “i”, um buquê de flores, que só sai completamente de cena depois da 110ª parte, faz uma transição suave no compasso da música, revelando um ambiente, ao fundo, que parece ser íntimo, talvez um quarto. Longos 20 segundos se passam, introduzindo, com levíssimos movimentos, o que só poderia ser tida como uma história de amor, que é, segundo Calvino (2002), uma das mais densas experiências que a alma humana pode experimentar.

Figura 02 - Ilusion – Palco da palavra, 25 de jul. 2006.



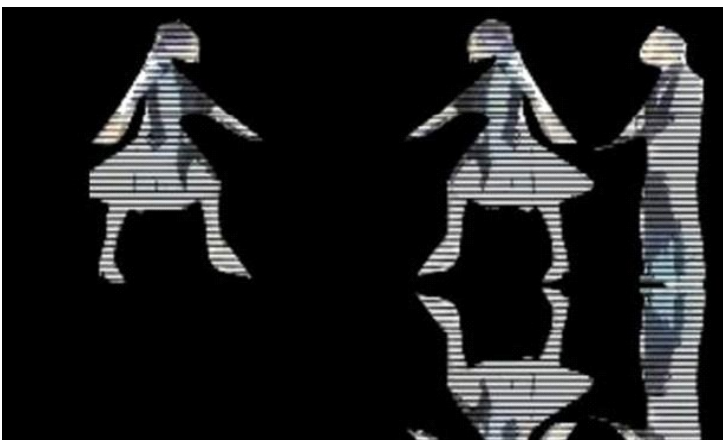
Da janela, um quadro se revela no que pode ser uma parede, lembrando que existe uma outra realidade que não esta, lá fora, entre os prédios da cidade. Prédios que deslizam nessa parede imaginária, inegavelmente presente e negra, para dentro do quarto, esmagando a intimidade e trazendo ‘o cair da tarde’, a realidade. Sempre presente está o buquê que, como um guardião, faz a transposição entre o privado e o público. Prédios que deslizam nessa parede imaginária, inegavelmente presente e negra, para dentro do quarto, esmagando a intimidade e trazendo ‘o cair da tarde’ a realidade. Figura 02 - Ilusion – Palco da palavra, 25 de jul. 2006.

Dentro do quarto, em destaque, serpenteia uma figura rosa, talvez um símbolo do pecado, enquanto ao fundo, um casal dança ao compasso do tango. Em primeiro plano, surge a figura dela, *Vina* (?), que traz consigo um guarda-chuva. Ao mesmo tempo, ao fundo, 18 partes depois, a rua é o cenário de sua dança - pessoas assistem, atentas, os movimentos do casal.

O único texto escrito do vídeo, emprestado de Heidegger, aquele que busca a linguagem, diz o que vem a ser a videoarte: ‘o que se diz genuinamente é o poema’. A tela é agora completamente tomada pela imagem do casal, que dança acobertado pelo guarda-chuva, protegendo aquele amor de olhares curiosos; linhas geométricas demarcando o terreno em que estão se desfazem pelas flores que os lança para dentro do quarto, uma vez mais, onde se despedem. Entre idas e vindas, são 48 partes de uma dança apaixonada em que ela inevitavelmente o deixa só, a não ser por suas memórias. As cores são representantes da paixão, da tristeza e da euforia de cada encontro e separação. Um olhar mais atento verá a confusão de sua amada que, em um dado momento, o deixa

para ir ao seu próprio encontro.

[Figura 03-Screenshot de Vina.](#)



O guarda-chuva, símbolo fálico e, ao mesmo tempo, de proteção, se torna novamente figura importante no cenário e, por 25 partes, o casal dança em meio a um *mix* de elementos muito particulares: o guarda-chuva, que por vezes se multiplica, uma kombi, linhas que imitam as da rua e, novamente, imagens diversas e visivelmente sensuais e eróticas forram o chão. A atenção dada ao ‘chão que ela pisa’ é de chamar a atenção, é como uma teia, de fantasia e prazer que não a deixa fugir desse sonho, criado especialmente para seu prazer.

Um encontro, na 163ª parte, é marcado pelo ralentar da música. Um encontro apaixonado, mas numa dança suave, talvez por estarem em público. Afastam-se das pessoas e, sob a proteção do guarda-chuva, se transportam para o lugar sagrado. Uma cúpula que, lembra a de uma igreja, finalmente guarda os dois. E a história segue, com o ‘fim’ do vídeo, trazendo a tela negra que toma a cena.

VINA – AO SABOR DAS PROPOSTAS LITERÁRIAS DE CALVINO

Voltemos a Calvino. Estamos apenas nos primeiros anos desse novo milênio e a literatura já se apresenta de formas impensadas, até mesmo pelos mais futuristas pesquisadores do grupo

Fluxos, do qual ele também fazia parte, da década de 1960, ou mesmo mais tarde, quando Calvino escreveu, em 1984, que gostaria de “organizar uma coleção de histórias de uma só frase, ou de uma linha apenas,” (CALVINO 1990, p.64). Hoje, não só é possível a qualquer um registrar seu micro conto para que todos ao redor do mundo o leiam, mas também criar, em tempo real, narrativas, jogando RPGs com milhões de outras pessoas pelo mundo imagético e oral do ciberespaço.

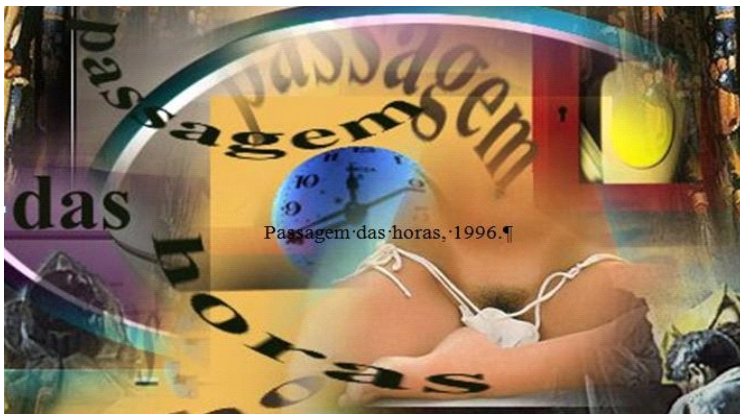
Poderemos encontrar em *Vina* os elementos que a tornaria segundo Calvino, literatura? Em entrevista concedida a autora desse texto, no dia 28 de novembro 2010, sobre a videoarte, o poeta imagético, Otavio filho, confirma-nos a hipótese de que o vídeo se trata de uma história do amor de um homem por uma mulher. E, quando questionado sobre o nome *Vina*, revela que se trata de uma referência à protagonista do livro escrito por Salman Rushdie, *O chão que ela pisa*, lançado em fevereiro de 1999.

A entrevista aconteceu meses depois do encerramento de seu blog, *Palco da Palavra*, onde está publicado o vídeo. Em sua última postagem, de 28 de julho de 2010, lê-se:

Essa publicação chega ao fim. Após quatro anos de uma produção diversa e muitas vezes caótica, os textos aqui publicados não têm mais razão de ser. Eles compõem, agora, a pequena memória de uma bela história de amor. O amor não morreu, a história não acabou, mas se impõe o silêncio. (OTAVIO FILHO, 2010)

O que provoca outra suposição: *Vina* seria um abstract do blog. Um resumo de quatro anos de registros apaixonados, de uma história de amor, “[eros puro e sanguíneo, vermelho rubro de ganas](#)” (OTÁVIO FILHO, 2010).

Uma leitura cuidadosa dos textos e imagens do *Palco da Palavra* revela picos de paixão, postagens rubras de poucas palavras, icônicas:



*“Você
é o tempo
da beleza. Tempo
da poesia,
da vida,
do sonho.”
(ibidem, 2010)*

Enquanto outros, como em uma das postagens do dia 18 de junho de 2008, revelam momentos escuros e desesperadores de solidão:

Na noite negra uma fuligem cinza profundo. Uma des esperada despedida em des medida dor. Quietude e Solidão. A negra noite da fuligem ácida penetra as paredes duma espiral carbonizada. O espírito do tempo no tempo eclesiástico destinado a todas as coisas. O tempo negro da noite sem fim. (OTAVIO FILHO, 2008)

Assim como em *Vina*, o blog revela um incessante *looping* - idas e vindas, emoções a flor da pele.

Considerando o trabalho em questão como uma condensação de quatro anos de história, o elemento Rapidez, como o considera Calvino, não poderia ser mais bem aplicado. Em sua palestra sobre a rapidez, ele fala sobre a “força sugestiva do despojado resumo” (CALVINO, 1990, p. 47). *Vina* traz, em menos de dois minutos, imagens pintadas durante anos de trabalho, fotos, memórias de viagens e uma paixão sem medida, narrada em o Palco da Palavra de julho de 2006 até julho de 2010. Quatro anos. Curiosamente, para muitos orientais, o número quatro é um símbolo de morte.

Quanto à natureza da música em *Vina*, deve-se concordar com Merleau Ponty, em seu célebre texto *O olho e o espírito*, que diz: “a música, inversamente, está muito aquém do mundo e do designável para figurar outra coisa senão épuras do Ser, seu fluxo e seu refluxo, seu crescimento, suas explosões, seus turbilhões.” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 30)

Em *Vina*, o poeta se põe livre para o novo e é aberto a ele, utilizando a leveza tecnológica dos bits para contar sua história. Afirmado assim, no sentido heideggeriano, sua morada no mundo, pois “quanto mais poético um poeta, mais livre, ou seja, mais aberto e preparado para acolher o inesperado é o seu dizer” (HEIDEGGER, 1997, p.168). O autor narra sua história transportando o leitor para sua fantasia, com o movimento entre as bem pensadas palavras de Heidegger e seus símbolos de leveza: flores, música, dança; poeticamente compostos para narrar o peso de uma paixão que, “de outra forma (lhe) seria impossível dizer” (OTÁVIO FILHO, 2010).

Confirmamos também, em *Vina*, a Visibilidade e a Multiplicidade, de que fala Calvino. A primeira, nas imagens icônicas do poema, imagens que remetem a ideias, que ataçam a imaginação. A segunda, na simplicidade do que pode acontecer em qualquer hora ou lugar, comigo ou com outro, na simplicidade de imagens matematicamente compostas, cortadas e editadas com exatidão, para tornar simples, o caos labiríntico e irracional da alma humana.

A ARTE SUPERIOR

Vina pode ser vista sob muitos ângulos e é natural que cada um de nós faça sua própria leitura dela. Pois, o que somos senão “uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações” (CALVINO, 1990, p. 138). Face às rápidas transformações que passam todas as atividades do homem, ninguém pode dizer, hoje, como será a literatura, ou as Videoarte daqui a 50 anos ou 100 anos.

A tecnologia está em estado de ebulição. Modos de ler, escrever e pensar o mundo escapam à compreensão de grandes pensadores do século XX, e Italo Calvino nos deixa um registro precioso de sua busca sobre o que não está em jogo, o inegociável, sobre a essência do dizer literário. Ele foi buscar nos mestres do passado, desde filósofos, como Aristóteles, poetas como Ovídio, atendo às presenças de Leonardo da Vinci e Borges, aqueles que nos levam a vislumbrar as terras altas do conhecimento e da sensibilidade, para propor aos habitantes desse milênio, as virtudes que devem ser perenes na literatura e que só nela podem ser encontradas.

A videoarte traz em si a possibilidade de o homem vislumbrar alcançar o que Heidegger chama de habitar poeticamente o mundo fundindo música, vídeo, e texto, numa só obra. O pensador alemão diz que, nesse habitar, o homem obtém méritos que somente podem ser alcançados “após ter construído num outro modo e quando constrói e continua a construir na compenetração de um sentido” (HEIDEGGER, 2010, p. 169). Em *Vina*, a poesia permite que o autor “habite sua essência” (Ibidem, p. 178), e se sirva da medida divina do dizer, para deixar perdurar, com propriedade, o que lhe está ‘junto ao coração’, o que se sabe de *core*.

A literatura, não importa o suporte em que se apresenta, em formato de rolo, códice ou videoarte, incluso no cânone ou não, será sempre “una representación falaz de la vida que, sin embargo, nos ayuda a entenderla mejor a orientarnos por el laberinto en el que nacimos, transcurrimos y morimos”,(VARGAS LLOSA, 2010). Ou seja, a literatura não é uma forma de entretenimento, é uma forma superior de arte, que trata das questões essenciais, dos gestos de nossa existência.

REFERÊNCIAS

▪ LIVROS

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**: lições americanas. Trad. Ivo Barroso – São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador; conversações com Jean Lebrum. São Paulo: UNESP; IMESP, 1999.

HEIDEGGER, Martin. **A Caminho da Linguagem**. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2008.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. 6ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

▪ WEBSITES

<<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo5/fluxus.html>>. Acesso em 01 de dezembro de 2010.

<<http://www.arthistoryarchive.com/arthistory/videoart/>>. Acesso em 01 de dezembro 2010.

<http://www.youtube.com/watch?v=HMk_Q0s2ME0>. (videoarte Vina) Acesso em 01 de dezembro 2010.

<<http://palcodapalavra.blogspot.com>>. Acesso em 01 de dezembro 2010.

<http://palcodapalavra.blogspot.com/2006_07_01_archive.html>. Acesso em 01 de dezembro 2010.

<<http://www.otaviofilho.com>>. Acesso em 02 de setembro 2010.

<<http://www.flickr.com/photos/otaviofilho/>>. Acesso em 02 de dezembro 2010.

<<http://www.flickr.com/photos/otaviofilho/5973634815/in/set-72157627276700216>>. Acesso em janeiro 2011.

▪ IMAGENS

Figura 01- Screenshot de Vina.

Figura 02 - Ilusion – Palco da palavra, 25 de jul. 2006.

Figura 03-Screenshot de Vina.

Figura 04- Passagem das horas, 1996.